



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A RECORRÊNCIA DA METÁFORA NAS CONSTRUÇÕES
TEXTUAIS DOS PORTAIS DE NOTÍCIA**

JEFFERSON BATISTA CARNEIRO

**CATOLÉ DO ROCHA- PB
2022**

JEFFERSON BATISTA CARNEIRO

**A RECORRÊNCIA DA METÁFORA NAS CONSTRUÇÕES
TEXTUAIS DOS PORTAIS DE NOTÍCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C289r Carneiro, Jefferson Batista.

A recorrência da metáfora nas construções textuais dos portais de notícia [manuscrito] / Jefferson Batista Carneiro. - 2022.

32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Metáforas conceptuais. 2. Figura de linguagem. 3. Portais de notícia. I. Título

21. ed. CDD 469.5

JEFFERSON BATISTA CARNEIRO

**A RECORRÊNCIA DA METÁFORA NAS CONSTRUÇÕES
TEXTUAIS DOS PORTAIS DE NOTÍCIA**

Aprovado em: 31 de março de 2022

Banca examinadora



Prof^a. Ma. Marta Lúcia Nunes – UEPB/Campus IV
Orientadora



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/Campus IV
Examinador



Prof^a. Esp. Vanessa Narel Pereira de Souza – UEPB/Campus IV
Examinadora

**Catolé do Rocha – PB
2022**

Dedico a minha eterna heroína Mayra (*in memorian*), mesmo partindo tão cedo, seu exemplo de vida foi a força necessária para finalizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este momento é sem dúvidas um dos mais marcantes na minha vida. Eu não poderia deixar de agradecer primeiramente ao Criador por ter me concedido a dádiva de estar vencendo mais um desafio, minha formação é um sonho de poder transformar a vida de outras pessoas através da educação, sendo esse um processo que ainda acredito que mudará o mundo.

Agradeço imensamente aos meus pais (irmã Zefinha e irmão Josa) por terem batalhado por mim e para que eu sempre estivesse na escola. Independente das necessidades, a minha educação sempre estava à frente de tudo e durante todo esse tempo jamais mediram esforços para que eu tivesse caráter, índole e educação de qualidade, esse momento também é de vocês.

Muito obrigado aos meus ex patrões Williana Medeiros e Rachid Carvalho que no início da faculdade me deram oportunidade de trabalho, mesmo sem me conhecer e ter que fazer flexibilização de horários, vocês me deram o privilégio de descobrir habilidades que nem eu mesmo sabia que tinha. Posso dizer que o emprego, junto com esses cinco anos de faculdade foram um campo de amadurecimento pessoal e profissional muito intensos.

Não poderia deixar de agradecer ao meu grupinho (mais conhecido como o “povo de São Bento”) Andreyana Fernandes, Maísa de Araújo e Rita de Cássia, mesmo cada um tendo suas ocupações, ninguém soltou a mão de ninguém e sempre estávamos juntos para tudo, nas realizações dos trabalhos acadêmicos e também na vida pessoal.

Gostaria de agradecer também a minha amiga Gleidiane Fernandes e Jordânia Dantas que foram uma luz no fim do túnel durante a faculdade. Aproveito e deixo minha satisfação a todos do ônibus que sempre estiveram presentes nessa jornada e nunca deixaram o cansaço da faculdade atrapalhar nossos momentos durante as idas e vindas à Catolé do Rocha – PB.

Agradeço a minha orientadora Marta Lúcia por toda a paciência que teve comigo durante esse tempo, você é um exemplo de profissional a ser seguido. Por fim deixo aqui toda minha gratidão a todos aqueles que não consegui citar, mas que direta ou indiretamente participaram da realização desse sonho.

As sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as ideias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla.

Edgar Morin

RESUMO

O presente trabalho tem como base teórica as Metáforas Conceituais de Lakoff e Johnson (2002) que consideram as metáforas como meios relacionados a cognição dos indivíduos. Tendo em vista essa concepção, foi realizada uma retomada histórica dos conceitos de figura de linguagem a partir de Queiroz e Silva (2018) e Brandão (1989) relacionando-os a abordagem do ensino nas aulas de Língua portuguesa, que são de acordo com Marcuschi (2000) na maioria das vezes abordadas apenas como uma transferência de significados. Com base nesses aspectos, fez-se a apresentação e descrição dos portais de notícia e, com base em Vilela (1997) e Gregolin (2007) foi possível refletir sobre os efeitos das diversas linguagens e influências históricas. Para analisar as metáforas na construção textual dos portais de notícia, teve-se como base as contribuições de Sabucedo; Alzate e Hur (2020) para a temática. Por fim, como base teórica para a intervenção educacional recorreu-se a BNCC (2018) e a Marcuschi (2002) que contempla amplamente Bakhtin (1997).

Palavras-chave: Metáforas Conceituais. Figura de linguagem. Portais de Notícia.

ABSTRACT

The present work is theoretically based on the Conceptual Metaphors of Lakoff and Johnson (2002) who consider metaphors as means related to the cognition of individuals. In view of this conception, a historical resumption of the concepts of figure of speech was carried out from Queiroz e Silva (2018) and Brandão (1989) relating them to the approach to teaching in Portuguese language classes, which are according to Marcuschi (2000) most of the time approached only as a transfer of meanings. Based on these aspects, the news portals were presented and described and, based on Vilela (1997) and Gregolin (2007), it was possible to reflect on the effects of different languages and historical influences. To analyze the metaphors in the textual construction of news portals, Sabucedo's contributions were based on; Alzate and Hur (2020) for the theme. Finally, as a theoretical basis for educational intervention, BNCC (2018) and Marcuschi (2002) were used, which broadly contemplates Bakhtin (1997).

Keywords: Conceptual Metaphors. Figure of speech. News Portals.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	08
2 METÁFORA INDETERMINADA: UM CAMINHO DE (DES)ENCONTROS	09
2.1 As figuras de linguagem e o conhecimento de mundo	09
2.2 A Metáfora nas aulas de Língua Portuguesa	13
3 A METÁFORA NOS PORTAIS DE NOTÍCIA	18
3.1 Os portais de notícia: apresentação e descrição	18
3.2 A recorrência histórica nas metáforas dos jornais e os efeitos de sentido	20
3.3 As metáforas bélicas nos portais de notícia diante do contexto da pandemia do Covid-19	23
3.4 Aprender a reaprender: a metáfora e a linguagem cooperativa	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1 APRESENTAÇÃO

O referido trabalho tem como objetivo discutir o ensino da figura de linguagem metáfora a partir das construções textuais dos portais de notícia. Sendo assim, inicia-se fazendo uma abordagem reflexiva das figuras de linguagem e o conhecimento de mundo, mostrando como elas são vistas e pensadas na sociedade atual.

Em seguida, foi feita uma análise das concepções de metáforas no decorrer da história e suas mudanças nas últimas décadas. A partir disso, é realizado um estudo sobre como as metáforas são ensinadas nas aulas de Língua Portuguesa, nesse ponto são apresentados alguns levantamentos acerca dessa abordagem no livro didático.

Feita as contextualizações teóricas, o desenvolvimento do trabalho se divide em quatro momentos. Em um primeiro momento é feita apresentação e descrição dos portais de notícia, mostrando suas construções linguísticas, parte da construção estrutural e suas contribuições para as construções de sentido através de seus enunciados.

O segundo momento traz a recorrência das metáforas no decorrer histórico nos meios de comunicação que antecedem os portais de notícia. Como enfoque é analisado o *lide* de um jornal da década 80, durante o contexto da epidemia do vírus HIV no mundo, o ponto analisa os efeitos de sentido que as metáforas produzem, as ações feitas a partir deles e as consequências que geram até os dias atuais.

No terceiro momento, faz-se uma análise das influências das metáforas presentes nos portais de notícia da atualidade, pautando-se em um dos assuntos mais importantes dos últimos dois anos, a pandemia da Covid-19. Nessa parte são analisadas as recorrências das metáforas bélicas nas notícias e como elas influenciam esse contexto na sociedade.

No último momento são apresentados caminhos para que as metáforas conceptuais sejam inseridas na educação, expondo como esses procedimentos podem ser feitos e de que forma eles podem contribuir para a formação do sujeito crítico na sociedade. Em seguida são apresentadas as considerações finais tecendo a linha de aprendizado entre os pontos e a colaboração deste trabalho para a educação e o desenvolvimento de outras linhas de pesquisa.

2 METÁFORA INDETERMINADA: UM CAMINHO DE (DES)ENCONTROS

2.1 As figuras de linguagem e o conhecimento de mundo

As figuras de linguagem são, teoricamente, pouco conhecidas (talvez devido a práticas ortodoxas nas aulas de Língua Portuguesa), no entanto são utilizadas de forma abrangente e contínua na prática, sempre presentes no dia a dia, produzindo sentidos e efeitos nos discursos, aparecem quase despercebidas, mas estão expostas, dando vida a língua e aos diversos contextos do cotidiano.

É importante ressaltar que a língua é um fenômeno vivo e fluido, portanto nada é dito para nada ou escrito sem função, esse fenômeno é que constrói as relações na sociedade, produzindo assim interações sociais. As figuras de linguagem como um elemento relacionado à língua, não estão apenas para o padronizado “conteúdo de Língua Portuguesa”, mas sim, um poderoso elemento utilizado corriqueiramente nos discursos que podem alterar de forma significativa as relações sociais, políticas e culturais de determinado lugar.

É importante refletir sobre as concepções de figuras de linguagem partindo até mesmo de algumas visões mais tradicionais de que elas têm a capacidade de alterar os sentidos de alguns termos dos discursos. Ora, se as figuras de linguagem são capazes de alterar esses sentidos, não devem ser tratadas apenas como um simples artefato inerente aos seres humanos. Deve-se concebê-la como um instrumento não exato, visto que não trata-se de uma fórmula, uma soma, ou uma multiplicação feita de forma avulsa, mas sim uma entidade linguística que antes de ser proferida já está carregada de intencionalidades.

Fazendo um percurso histórico pelas alterações sofridas nas concepções e usualidades das figuras de linguagem, é notável que elas mudaram de perspectivas e público alvo, sendo assim, antes separava-se a linguagem natural (neutra) da figurada para que não houvesse distinções em compreender a verdade da falsidade nos discursos.

[...] a linguagem figurada, ou conotativa, estava circunscrita ao mundo literário, ou seja, aos poetas, escritores, romancistas. Percebe-se, assim, que o sentido literal estava relacionado à ideia de objetividade, clareza, precisão, sendo essa a única maneira de chegar à compreensão e ao conhecimento das coisas. Portanto, o sentido figurado não poderia ser utilizado, pois, de acordo com a tradição retórica ocidental, ele distorcia a realidade. (QUEIROZ e SILVA, 2018, p. 179)

Percebe-se que o que antes eram considerados adornos a serem utilizados apenas por poetas e grandes literários, atualmente é um dos traços mais comuns que marcam a linguagem da sociedade, isso acontece porque o molde da língua não é estável e está sempre em constante transformação, ele se adapta aos tempos, contextos e diversos lugares, acompanhando sempre a transformação humana.

Ao longo do tempo, quando a língua comum faz essa aquisição das figuras de linguagem como pertencente ao seu contexto corriqueiro e não apenas mais ao literário, os discursos passam a adquirir uma forma de maior expressão, as intencionalidades são bem mais abrangentes e permitem diversas interpretações, porém essas podem ocorrer em um eixo mais implícito.

De acordo com a tradição retórica as figuras de linguagem distorciam a realidade, essa visão é exposta por Brandão (1989, p.15) ao dizer que ela “[...]sempre encarou a coexistência de dois ou mais sentidos como um risco da compreensão à mensagem e, conseqüentemente, um convite à manipulação da informação”.

Quando se toma esse esclarecimento de Brandão acerca da retórica e considerando um simples contexto do dia a dia, como por exemplo um “Bom dia, flor do dia!” nota-se que obviamente é diferente de um simples “Bom dia!”, pois o primeiro é usado quando se quer cativar, conquistar, agradar ou demonstrar um sentimento a mais por alguém. No caso dessa figura (metáfora), na visão mais estruturalista tradicional ela tem esse poder de transformar a literalidade do termo em uma certa comparação implícita (pois não aparece termos comparativos), no entanto já está tão inerente aos indivíduos que mal percebe-se quando se faz uso de tal figura.

A figura de linguagem acima exemplificada, já poderia justificar por si só a citação de Brandão, no entanto, se essa visão for um pouco mais além, o que se pretende mostrar, não são exemplos rasos de figuras de linguagem, mas atentar-se para os seus usos com uma visão de mundo mais profunda, uma visão que amplie a percepção crítica em relação a elas, sejam orais, escritas ou corporais. Tais perspectivas mencionadas ainda se mantêm em muitos contextos, tanto educacionais como também os corriqueiros, no entanto elas deram início a outros estudos sobre a metáfora, que serão mostrados mais à frente.

Como visto anteriormente, o poder da figura de linguagem pode mudar até mesmo a forma de intencionalidade que uma saudação chega a um interlocutor,

com base no fato de que não se vive apenas de saudações, para essa perspectiva cabe refletir sobre as figuras de linguagem que estão presentes nos discursos que são construídos todos os dias, observando suas intenções, seus porquês e finalidades.

Figuras de linguagens presentes nos mais diversos canais de informação do cotidiano são necessárias para facilitar o entendimento sobre determinados assuntos, o que precisa ser evitado é tratar figuras de linguagens presentes em veículos de informação sérios que discutem política, cultura e pensamento de mundo, como uma figura prosaica que é utilizada no cotidiano. Michel Foucault, em suas reflexões sobre os discursos, esclarece que:

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico (FOUCAULT, 1970, p.6)

Levando em consideração o esclarecimento de Foucault, a maioria das pessoas não costumam fazer uma análise do que está no exterior dos discursos, provavelmente nesse exterior estão localizadas as entrelinhas que revelam os verdadeiros sentidos e objetivos do que foi discursivamente proferido. Sendo assim, há certa dificuldade, inerente aos indivíduos, para raciocinar sobre os discursos produzidos no âmbito da sociedade, que os leva a permanecer de forma passiva, ou seja, com a percepção de consequência e sentidos extremamente rasos.

Ainda sob o pensamento de Foucault, o exterior do discurso que é pouco levado em consideração, pode-se pressupor que é provavelmente formado por elementos que exigem uma atenção maior, não se descarta então a probabilidade das figuras de linguagem estarem presentes, já que são inegavelmente pontos importantíssimos, de relevância e geram diversos aspectos nos discursos.

Sobre essa postura passiva em relação a percepção das figuras de linguagens nos discursos e seus efeitos; refletindo sobre o pensamento de Todorov, Brandão (1989, p. 49), afirma que: “O traço comum a todas as figuras é a opacidade, isto é, a tendência que têm as figuras de se deixarem perceber predominantemente como linguagem, forma intransitiva que impede a percepção do receptor ir além da própria linguagem”

Pode-se dizer que há uma certa semelhança, um entrelace entre o que Brandão e Foucault discutem, pois se as figuras de linguagem são opacas a ponto de se passarem por linguagem natural, acontece como consequência o que foi exposto anteriormente a partir de Foucault como passividade, pois a maioria da sociedade só enxerga aquilo que está escancarado de forma plausível de atenção em massa. Entretanto é significativo ressaltar que nem sempre são apenas esses discursos que importam, muitos aparentam ser simples ou corriqueiro, mas carregam consigo grandes pesos sociais.

É de suma importância lembrar que as figuras de linguagem não estão sendo condenadas, mas sim estudadas com uma visão que pode ampliar a forma que os discursos chegam até os sujeitos no cotidiano, pois eles podem estar repletos de segundas intenções que muitas vezes passam despercebidas, pois a maioria dos sujeitos tendem a pensar que se tratam apenas de uma linguagem natural, tendo assim, como consequências, mudanças na vida social que não conseguem enxergar ou saber de qual denominador partiu.

É possível que a grande parte dessa invisibilidade dos efeitos de certas figuras de linguagem seja consequência dos primórdios de seu contexto, visto que, como citado anteriormente, eram utilizadas para enriquecer os discursos literários. Sendo assim, elas não perdem a sua importância de estarem ainda mais atreladas a literatura, principalmente nos poemas, textos infantis e cantigas.

Nos contextos educacionais as figuras de linguagem ainda são expostas na maioria das vezes como características atreladas ao texto literário, sendo assim grande parte da influência da pouca importância dada as figuras acontecem significativamente nas aulas de Língua Portuguesa. Em termos de conhecimento de mundo, desloca-se as figuras de linguagem dos textos literários (que não deixam de ser importantes) para os contextos cotidianos que também sofrem influência.

Sendo assim, mesmo havendo esse desbloqueio das figuras de linguagem da literatura e um olhar mais amplo para elas no campo da linguística (ao menos nesse contexto), não significa que essas duas áreas estejam distantes ou sem laços comuns, pois de acordo com Fiorin (2008, p. 31):

[...] de um lado, um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode o linguista ignorar a literatura, porque ela é o campo da linguagem em que se trabalha a língua em todas as suas possibilidades e em que se condensam as maneiras de ver, de pensar e de sentir de uma dada formação social numa determinada época.

A literatura como expressão cultural, social e política da história, apresenta uma versatilidade linguística e também de elementos linguísticos muito ampla. A partir dela, é possível estudar e delimitar passos importantes para a sociedade, porém estando ela atrelada a linguística, como um campo que se produz nos contextos linguísticos, não deixa assim de ser importante objeto de estudo para as figuras de linguagem.

Mesmo com essa relação intrínseca entre esses dois importantes campos de estudo, quando se analisa a visão de mundo, separa-se então o ideal do real, o que é acessório do que seria considerado essencial. O que não significa estabelecer que a literatura seja um campo acessório em relação aos estudos linguísticos, no entanto, é assim que ela é vista nos contextos da educação que influenciam a forma como as figuras de linguagens são concebidas, ou seja, faz-se necessário que a forma como as figuras de linguagem estão presentes na literatura, seja diferente da forma que elas são encontradas nos contextos reais.

Por conseguinte, com esses apontamentos recorrentes pode-se inferir que existem maneiras diferentes de conceber as figuras de linguagem: podem ser concebidas como simples artefatos que fazem parte da língua natural (que não interfere nos discursos) e estão apenas presentes de forma inerente; e podem ser concebidas como elementos literários que também estão presentes em parte do discurso ou as (des)encontrar como sinônimo ou não do que pode ser verdadeiro ou falso no discurso.

É importante ressaltar os impactos que as construções de sentido feitas a partir das figuras de linguagem podem gerar na sociedade e de que forma é possível transformar esses discursos a partir da busca pela essência da vontade da verdade.

2.2 Metáforas nas aulas de língua portuguesa

O ensino das figuras de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa como já exposto anteriormente é ainda muito padronizado. Como artefato oriundo da literatura, as figuras de linguagem parecem carregar consigo a responsabilidade de estarem presentes apenas nesse campo, sem cumprir grande papel na sociedade nos outros meios em que circula.

Partindo para a análise da figura de linguagem escolhida para discussão no presente trabalho: a metáfora; trata-se de uma figura que possibilita diversas

discussões reflexivas no contexto educacional. No entanto, antes faz-se necessário discutir alguns conceitos da referida figura.

A princípio, o termo metáfora foi conceituado primeiramente por Aristóteles, nessa visão, como explana Marcuschi (2000, p. 80) “[...] é utilizado para a transposição de uma palavra com certo significado para um contexto que lhe seria originalmente estranho”, ou seja, a metáfora era até então vista como uma espécie de termo que sofre determinada deformidade em sua significação quando utilizado em um contexto não comum para o uso.

A partir da concepção elaborada por Aristóteles em sua poética com a metáfora clássica, vários estudiosos se interessaram pelo tema e passaram a conceituá-la, surgindo assim os principais movimentos de conceitos metafóricos, tais como: teoria da metáfora comparativa, substitutiva, pragmática, interativa e cognitiva. No entanto, para os objetivos deste trabalho, a atenção estará voltada apenas para as visões cognitivas, discutidas principalmente por George Lakoff e Mark Johnson no ano de 1980 e que tem suas influências até os dias atuais.

Para se compreender o quanto a visão cognitivista da metáfora é impactante, quando Lakoff e Johnson em 1980 apresentam pela primeira vez uma visão mais estruturada e bem elaborada ao tema no livro “Metáforas da vida cotidiana”, os estudiosos de diversas áreas ampliam suas visões sobre a temática, visto que o modo de se pensar metáfora muda significativamente, de antemão isso significa dizer que ela, antes vista como tão limitada, passou a estar presente praticamente todas as áreas e falas dos indivíduos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 45-46) essa perspectiva cognitiva da metáfora parte de um princípio conceptual:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

Sendo assim, os autores explicam que as metáforas fazem parte de um sistema conceptual já inserido nos indivíduos e que elas se manifestam através dos enunciados. Esse sistema é como uma fonte dominante do pensar, do agir e do

falar, no entanto, vale ressaltar que ele estaria oculto por ser utilizado já de forma automática e que para fazer essa descoberta é necessário levar em consideração o pensamento. Dessa forma, surgem teorias voltadas para a concepção de que os sujeitos se pronunciam principalmente através de metáforas estando firmemente presentes no cotidiano.

Os conceitos da metáfora como pertencente ao sistema conceptual são exemplificadas por Lakoff e Johnson (2002, p. 46) da seguinte maneira:

[...] começemos pelo conceito DISCUSSÃO e pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora está presente em nossa linguagem cotidiana numa grande variedade de expressões:
DISCUSSÃO É GUERRA
Seus argumentos são indefensáveis. [...]
Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação [...]
Suas críticas foram direto ao alvo.

Nesse caso em específico, “discussão é guerra” aparece como a metáfora conceptual e os demais trechos são enunciados que expõem como essa metáfora se manifesta. Isso não quer dizer apenas que a metáfora está aparecendo com o frame da guerra, mas se “Discussão é guerra” (e os enunciados provam isso) e a concepção está atrelada a cognição, pressupõe-se que guerra está associada a armas, inimigo, dois lados, uma vitória, um vencedor e um perdedor, ou seja, a contextualização de uma guerra presente em uma discussão, onde um ganha o outro perde, um atacou bem e o outro não, sendo assim a discussão passa a ser um jogo de literalmente ganhar ou perder.

Com esse fragmento é possível perceber o quanto a influência dessas metáforas conceptuais está realmente presente no cotidiano mais do que é perceptível e o quanto geram ascendência no comportamento da sociedade e na visão dela em determinados assuntos. É importante então observar que provavelmente se o termo “guerra” for trocado por outro, as visões de “discussão” já seriam amplamente mudadas através de seus enunciados.

Partindo para o contexto educacional, nota-se ainda muitos problemas referentes ao ensino de metáforas nas aulas de Língua Portuguesa. Começando pela forma como são apresentadas no Livro Didático, muitos se baseiam em visões ainda tradicionais. Geralmente os diversos gêneros textuais presentes são usados como pretexto para o ensino da gramática e estando a metáfora ainda ligada a essa corrente estruturalista, a metáfora aparece de forma muito rasa e com visões ligadas

apenas ao termo e em alguns casos a linguagem e ao sentido, mas não nessa a corrente cognitiva.

Quando fala sobre as formas que os textos aparecem nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, Bezerra (2020, p. 58-59) explica que:

Com a preocupação de aproximar o estudo da língua de seus usos, pelo menos em relação ao texto - visto que, em relação à gramática, permanece a preocupação metalinguística e taxonômica [...] os LDP sugerem textos interessantes para leitura, mas ao abordá-los predomina a discussão temática, numa perspectiva de verdade/falsidade (valorizando mais a extração de informações do texto), descurando-se, por exemplo, das funções que eles exercem na sociedade.

Sendo assim, pressupõe-se que no contexto da forma como a metáfora é levada aos alunos, entende-se que ela não é trabalhada de maneira que desperte o senso crítico, pois não é exposta como age no contexto do dia a dia. Essa relação tradicionalista da metáfora ligada apenas ao texto literário ou a alguns textos cotidianos com caráter estrutural desvincula a capacidade de reflexão sobre essa figura, em quais momentos aparecem (de forma explícita ou não) e suas influências nos discursos.

Trabalhar a metáfora assim na sala de aula também reforça os mitos gerados em torno da Língua Portuguesa, de que ela realiza-se apenas no campo gramatical e que tem a finalidade de desenvolver melhor a fala e escrita dos indivíduos. Com essa padronização no ambiente escolar, o pensamento dos discentes em relação aos textos torna-se também limitado, resultando em uma visão parcial diante dos diferentes tipos de gêneros textuais vistos no dia a dia e fica de lado o processo cognitivo que é de suma importância para a compreensão. Segundo Koch (2003, p. 37):

[...] um princípio básico da ciência Cognitiva é que o homem representa mentalmente o mundo que o cerca de uma maneira específica e que, nessas estruturas da mente, se desenrolam determinados processos de tratamento, que possibilitam atividades cognitivas bastante complexas. Isto porque o conhecimento não consiste apenas em uma coleção estática de conteúdos de experiência, mas também em habilidades para operar sobre tais conteúdos e utilizá-los na interação social.

Ora, se os alunos veem na sala de aula apenas estudos de análises, classificações e comparações gramaticais, ao terem contato com os diversos gêneros textuais e a presença de metáforas (inclusive conceituais) no cotidiano,

eles terão dificuldade de interpretação ou até mesmo não se preocuparão em fazer isso, por já estarem afadigados de analisá-las apenas no âmbito gramatical. Deixe-se então de lado uma visão que seria de suma importância para o desenvolvimento crítico dos alunos, que seriam as metáforas analisadas a partir de uma visão mais cognitivista.

Nesse caso, é comum que as diversas metáforas sejam consideradas como um texto qualquer ou sem muita relevância, pois o contato com elas geralmente é feito com uma só finalidade: a de estudar gramática, sendo assim, pouco importa se o aluno viu um anúncio, portais de notícias, livros, jornal impresso, propagandas etc. ele poderá até entender qual mensagem o gênero quer passar para ele, no entanto, a criticidade, a reflexão e o que está presente nas entrelinhas os efeitos que aquele discurso pode construir a partir do que se é adquirido cognitivamente, serão bem mais difíceis de serem percebidos.

3. A METÁFORA NOS PORTAIS DE NOTÍCIA

3.1 Os portais de notícia: apresentação e descrição

A globalização como um processo contínuo e rápido que acontece nos dias atuais, tem como principal objetivo facilitar (em alguns aspectos) a vida dos sujeitos traz grandes avanços tecnológicos para a sociedade e com isso não se pode deixar de lado que os meios de comunicação também estão bem mais estruturados. Através da internet é possível ter acesso em segundos na palma da mão sobre algo que acontece do outro lado do mundo. Tais acontecimentos chegam principalmente por redes sociais, mensagens de textos, chamadas de voz ou vídeo, portais de notícia, jornais televisionados etc.

Os portais de notícia, como escolha de objeto de estudo para essa pesquisa, são importantes veículos de comunicação que estão presentes na sociedade para informar os principais acontecimentos que ocorrem no mundo ou em determinada nação no dia a dia. Eles trazem diversas pautas que estão ligadas aos interesses da maioria dos indivíduos, sendo assim, abordam questões culturais, políticas, sociais, econômicas, geográficas dentre outras temáticas que têm ligação direta a vida social.

Para entender o quanto esse meio está presente na sociedade, analisa-se que com esse processo de transformação e avanço tecnológico, os portais de notícias não são mais um meio que os usuários precisam procurá-lo para ter acesso, pois além de estarem presentes como uma plataforma a ser consultada, eles também aparecem nas principais redes sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Tik Tok*, *Telegram* e outras inúmeras redes usadas de forma demasiada pela sociedade.

Como um meio de notícias rápidas e relacionada diretamente à internet, esse gênero precisa ser tão claro e objetivo quanto um jornal televisionado, ou até mesmo um impresso, pois cada um tem sua particularidade de como chegar aos indivíduos, provavelmente um leitor virtual tem bem mais pressa em adquirir informações rápidas do que uma pessoa que senta para ler um jornal impresso ou assisti-lo na televisão. Os portais de notícia precisam ser sucintos, claros e transmitir a mensagem de modo que o público consiga captar suas principais ideias, alcançando

dessa forma o objetivo de realizar a comunicação dos acontecimentos. Segundo Vilela (1997, p.40):

A língua falada produz-se num lugar e num tempo determinados e, por isso, imersa numa dada situação: as palavras acomodam-se à entonação, aos gestos, aos jogos fisionómicos; há possibilidade de auto-correção, de modificação imediata do discurso, de adaptação ao interlocutor. Na língua escrita, não há gestos, nem mímicas, nem entoação e estes elementos terão que ser substituídos pela pontuação, pela grafia e, essencialmente pelas palavras.

A partir dessa observação de Vilela, trazendo esses aspectos para os portais, percebe-se que além de ser um gênero que deve ser produzido em circunstâncias rápidas, ele também tem a responsabilidade de através de palavras escritas produzir performances linguísticas que complementem o discurso e não sejam necessários parâmetros exteriores, como no caso da linguagem oral. Dessa forma, os portais de notícia devem apresentar linguagem e pontuações adequadas, pois uma vez apresentada de forma equivocada, esse gênero pode acarretar danos irreparáveis.

Essas circunstâncias produzem nos portais de notícia características únicas de escrita e apresentação, por exemplo, títulos em destaque que em termos gerais já chamam a atenção do leitor com recursos impactantes e em seguida a característica de já expor em seu início as respostas das questões mais relevantes da temática envolvida. Para Benassi (2007) essas respostas estão relacionadas a questões como: o que? onde? quando? por que? qual o contexto?

Os discursos utilizados nesse gênero, geralmente parecem demonstrar neutralidade ideológica, no entanto, nem sempre se mostram dessa forma, pois os enunciados presentes nas entrelinhas dessas falas jornalísticas muitas vezes trazem movimentos já interiorizadas que conseqüentemente manipulam os sentidos da sociedade e alteram as visões que os sujeitos têm acerca de determinado objeto.

Fazendo uma análise sobre o papel dos discursos midiáticos na construção da identidade dos indivíduos na sociedade, Gregolin (2007 p. 16) afirma que:

Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos. Os efeitos identitários nascem dessa movimentação de sentidos.

Como Gregolin (2007) afirmou, os discursos midiáticos tem um papel importante na construção da identidade dos indivíduos, essas construções são feitas a partir dos sentidos que são criados através da leitura das mídias apresentadas, ou seja, a sociedade se constrói ideologicamente, em parte, com base no que absorve a partir das informações presentes nesse tipo de gênero midiático.

A partir dessas apresentações e descrições gerais de como funcionam os portais de notícia, serão analisadas como as metáforas conceptuais definidas por Lakoff e Johnson (2002) agem nesses contextos e permitem a construção de diversos sentidos e panoramas sentimentais através das manifestações em seus enunciados.

3.2 A recorrência histórica nas metáforas dos jornais e os efeitos de sentido

Apesar das grandes (r)evoluções tecnológicas, o gênero notícia nem sempre foi impresso em papel ou publicado em portais. Para chegar ao nível dos dias atuais a notícia passou por diversas transformações, desde a transmissão boca a boca, a divulgação por mensageiros e nobres na Idade Média, e os jornais impressos, televisionados e virtuais da atualidade. Percebe-se que mesmo sendo um gênero jornalístico, nem sempre dependeu de suas plataformas, pois já existia bem antes do surgimento de tais meios atuais auxiliares da propagação.

A partir disso, esse gênero já começava a criar suas próprias características, fossem elas gestuais, linguísticas, performáticas ou escritas. Sendo assim, a notícia torna-se ao longo do tempo um gênero de resposta social, a mensagem é transmitida e os interlocutores respondem em massa sobre o que lhe foi passado, na maioria das vezes através de atitudes, posicionamentos e construção de sua própria identidade como afirmou Gregolin (2007).

No dia 12 de junho de 1983 o jornal “Notícias Populares” trazia em sua cabeça o seguinte noticiado:

Figura 1 – Peste-gay já apavora São Paulo



Fonte: Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde

A partir de Lakoff e Johnson (2002) pode-se pressupor que o enunciado “peste-gay” aparece a partir da metáfora conceptual “gay é contágio”, os efeitos de sentido gerados a partir do termo em destaque na notícia são parâmetros que geram visões e posicionamentos até os dias atuais. O HIV, como um vírus que se espalhava mais entre a comunidade gay na década de 80 foi propagado com tamanha pejoratividade que aumentou significativamente a homofobia e discriminação contra os homossexuais.

Retomando como base da análise a metáfora conceptual “Discussão é guerra”, Lakoff e Johnson (1980, p. 136) afirmam que:

Mesmo que você não tenha jamais em sua vida experienciado uma luta física, muito menos provavelmente uma guerra, você ainda concebe discussões e discute de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, porque tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura na qual você vive

Assim como no exemplo citado, acontece o mesmo com o HIV na década de 80, mesmo sendo um vírus ainda incomum, os métodos que as notícias usam para repassar a sociedade, tal como o termo “peste-gay” que instaura uma metáfora “gay é contágio” no sistema conceptual, conseqüentemente cria-se toda uma cultura em torno da temática que surtem efeitos praticamente irreversíveis ou que precisam de muito espaço de tempo para serem desmistificados.

No Brasil, como resultado da propagação de notícias assim, a sociedade LGBTQIAP+ foi proibida de doar sangue caso tivesse mantido alguma relação sexual durante os últimos 12 meses, o Superior Tribunal Federal revogou as normas estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária e pelo Ministério da saúde, mas até então já haviam se passado mais de vinte anos de luta, desde a instauração das normas, até sua reformulação no ano de 2014 e seu fim no dia 08 de maio de 2020.

As conseqüências não foram apenas essas, a propagação das notícias gerou sentidos não só de que a doença era transmitida entre gays, mas também que foi um mal que partiu da própria comunidade. No dia 05 de março de 2014, o portal de notícia “O globo” veiculava a seguinte notícia:

Figura 2 – Jornal “O Globo”



Fonte: Página do jornal “O Globo”

É possível identificar na notícia acima que a forma como o vírus é relacionado aos heterossexuais é diferente de como anteriormente foi atrelada aos gays, os termos usados, como por exemplo, “infecta” e “grupo dos heterossexuais” não infringem nenhuma diferença que não esteja relacionada aos seus respectivos campos semânticos, o do vírus e o do grupo de indivíduos separados de acordo com a sexualidade.

Mesmo pouco tempo depois (ainda na década de 80), com a descoberta de que o HIV não era um vírus que afetava apenas os gays, mas toda e qualquer pessoa que tivesse relações sexuais sem proteção e com algum contaminado, percebe-se que o teor pejorativo continua até os dias de hoje, como consequência das primeiras impressões criadas a partir das propagações negativas midiáticas enraizadas na cultura do vírus relacionado aos LGBTQIA+.

Partindo para as concepções de metáfora para Marcuschi (2000, p. 86) *apud* Lakoff e Johnson (1980) ressalva que:

Caso colocássemos a comparação como base para a metáfora, estaríamos dando-lhe um suporte lógico, um esquema estruturador com fins explicativos. Mas ela é uma força cognitiva ativada por mecanismos impenetráveis por instrumentos elaborados em função da análise do saber normal. Assim, a comparação é uma forma de violação da metáfora [...]

O que Marcuschi analisa, condiz com o que a figura 1 expõe com o termo peste-gay, a metáfora não aparece como base para fazer uma comparação, ela simplesmente perde a objetividade e se mostra através dos sentidos subjetivos criados no eixo cognitivo dos indivíduos, sendo assim, influenciam e comandam grande parte das ações por eles realizadas, como foi o caso do comportamento diante do vírus do HIV.

Páginas de jornais como a última mostrada (figura 2), não conseguem reverter o quadro tão facilmente, o HIV foi apresentado a sociedade de forma muito brusca e agressiva, e o que antes era pra estar atrelado a uma questão de

acolhimento e apoio, foi tido como “peste” criando uma propagação desumana de ódio, raiva e preconceito.

3.3 As metáforas bélicas nos portais de notícia diante do contexto da pandemia do covid-19

O ano de 2020 marcou o início de uma grande reviravolta mundial, o surgimento do vírus da covid-19 colocou o mundo em alerta de pandemia e com isso foram necessárias mudanças e adaptações ao novo contexto que o vírus estava impondo a sociedade. Esse panorama afetou a vida das pessoas de maneira repentina e gerou momentos de muitas dúvidas diante de um novo vírus que se alastrava de forma muito rápida e ceifava a vida de grande parte dos contaminados.

Neste momento, mais do que nunca, a sociedade ficou dependente das mídias, atenta as mudanças e as novidades sobre os novos acontecimentos diante desse contexto. No entanto observa-se, em comum, nas notícias veiculadas pela mídia nos portais, a forte presença de metáforas de guerra relacionadas ao vírus, para (SABUCEDO; ALZATE; HUR, 2020) o ponto positivo é que as metáforas podem facilitar a compreensão do novo contexto, porém, a área emocional como precedente da conceptual pode sofrer diversas consequências.

Figura 3 – Recorrência das Metáforas



Fonte: Compilação do autor¹

Na compilação de imagens acima, no primeiro momento² é possível identificar o marco do início do covid-19 como uma pandemia. O termo “declara” utilizado pelo

¹ Montagem a partir de imagens coletadas respectivamente nos sites de notícia Agência Brasil, R7, Fena Saúde, Veja e gov.br.

portal de notícia Agência Brasil (2020) já pressupõe um teor bélico ligado ao termo “pandemia”, que naquele momento era considerado praticamente um neologismo, por ser uma palavra que anteriormente já estava em desuso há muito tempo. Dessa forma, sendo respectivamente o primeiro termo muito utilizado em contextos de guerra, como em “declarou guerra a...”, e o segundo um termo pouco conhecido, mas representando um momento muito delicado, já adota-se então um teor bélico sobre um assunto que não entra nesse contexto.

Na sequência, percebe-se que o movimento vai ganhando força, pois continua a ser trazido com termos literais até mesmo pelas autoridades políticas, como no caso do segundo e quarto momentos da figura. Para (SABUCEDO; ALZATE; HUR, 2020) é necessário analisar com cuidado como esse poder político se comporta diante de tais situações, principalmente quando está reforçando uma guerra que não existe. Tome-se então como análise do quarto momento da figura que traz o lide do portal “veja” do dia 5 de maio de 2021, que diz: “Bolsonaro insinua que coronavírus faz parte de “guerra biológica” chinesa”. A face de um poder político diante de um contexto assim, gera como consequência a apreensão ainda maior da população, visto que o Presidente da República é obviamente uma figura influenciável e que pode conduzir a uma manipulação de sentidos em massa, portanto se pressupõe que essa metáfora bélica pode estar sendo usada como um meio de estratégia política para difamar a visão que uma nação tem em relação a outra, ou seja, nesse contexto cabe atentar-se a esse discurso que traz uma “simples” metáfora, mas que pode assumir papéis até mesmo político-internacionais.

Continuando nessa mesma linha de pensamento da influência do poder político nesse contexto, o segundo momento, vem expondo um outro lado dessa “guerra”, pois o lide do portal r7 do dia 24 de maio de 2021 diz o seguinte: ““Estamos em guerra” contra a covid-19 diz secretário geral da ONU” sendo assim, fazendo uma relação com o enunciado anterior de Jair Bolsonaro, encontram-se duas declarações metafóricas relacionadas presentes no termo “guerra”, porém de forma distinta, sendo a do Presidente da República feita como uma imagem de guerra política, de poderes, e a do secretário geral da ONU uma guerra contra a própria doença, ou seja, dois cenários de guerra em um mesmo contexto.

² Considere-se “momento” cada quadrinho da figura 3 na sequência da esquerda para a direita.

É possível notar também que os próprios portais de notícia tomam a iniciativa em certos contextos. Tome-se o terceiro e sexto quadrinhos respectivamente quando aparecem na cabeça das notícias: “Estamos em guerra contra o coronavírus – covid 19 – vamos atuar juntos” do FenaSaúde no dia 9 de abril de 2020 e “Covid-19: guerra ininterrupta contra inimigo invisível completa 1 ano” do Gov no dia 20 de março de 2021. No portal Fena é possível identificar no contexto da notícia que ela está embasada na “declaração” da OMS, do covid-19 como uma pandemia, apesar disso o conteúdo dessa notícia traz um alerta de que esse momento pode despertar muitas *fake News*, no entanto, o próprio portal parece não perceber que está despertando um sentimento bélico nos seus leitores. No contexto do portal de notícia do governo brasileiro (gov.br), observa-se um momento mais próximo para o enunciado “guerra ininterrupta”, pois o texto da notícia traz a ação dos militares durante a pandemia, no entanto o enunciado ainda poderia ser evitado, já que eles não estão agindo como se estivesse em uma guerra literal, mas sim como agentes civis que ajudam a população a passar por esse momento através de distribuição de alimentos, doação de sangue, campanhas de conscientização etc., nota-se também que após um ano de pandemia, nesse contexto o covid-19 ainda é mistificado como guerra.

É importante ressaltar que por mais que o termo “guerra” mesmo quando aparece apenas de forma implícita, como no primeiro momento com “declara”, quando ele aparece de forma literal nos outros momentos, não deixa de ser uma metáfora conceptual, visto que traz enunciados que despertam sentimentos contrários ao ideal do contexto em questão.

No quinto e não menos importante momento da figura 3, o portal veja do dia 25 de outubro de 2021 traz em seu *lide*: “Covid: apesar de Bolsonaro, discurso antivacina tem ampla derrota no país”, esse contexto traz uma pauta metafórica muito importante citada por Lakoff e Johnson (2002, p. 46) de que “discussão é guerra”, o enunciado que tem presente o termo “derrota” fortifica a ideia da discussão atrelada a uma guerra, gerando oposições civis que afetam o comportamento social e até mesmo os posicionamentos envolvidos da temática da vacina, que mais uma vez aparece em torno de uma divisão gerada pelo próprio líder político.

Durante o início da pandemia notícias como essa: “Venda de produtos de limpeza, higiene e alimentos aumenta em supermercados” publicada pelo portal GHZ no dia 16 de março de 2020 também eram vistas diariamente em outros portais

de comunicação. Trazendo mais uma vez (SABUCEDO; ALZATE; HUR, 2020) as prateleiras vazias podem estar relacionadas a esses contextos das metáforas bélicas propagadas pelas mídias. As pessoas se sentem ameaçadas, se “armam” com produtos de higiene e estocam os alimentos como se fossem literalmente enfrentar uma guerra, um instinto de sobrevivência é ativado mesmo que de forma inconsciente. Os autores afirmam também que isso gera uma falta de empatia social. Sendo assim, pode estar relacionada ao fato de que quando um grupo de indivíduos faz uma compra acima do esperado de produtos específicos, outros grupos ficam sem acesso, uns com bastante enquanto outros não têm nada, o que caracteriza também um cenário de guerra mesmo não estando vivenciando uma.

Para entender essa relação metafórica com a construção desses sentidos que trazem como consequência esses efeitos, Lakoff e Johnson (2002, p. 277) afirmam que:

Tanto no caso metafórico como no caso não metafórico, nossa compreensão de uma verdade depende de nossa compreensão da situação. Já que a metáfora é conceptual por natureza e não “uma questão apenas de linguagem”, é natural para nós conceptualizarmos as situações em termos metafóricos. Porque podemos conceptualizar situações em termos metafóricos, é possível considerar frases que contenham metáforas como adequadas às situações conforme as conceptualizamos.

Ou seja, certos contextos são conceptualizados a partir de termos metafóricos, no entanto esse processo acontece de forma indeterminada, pois os sujeitos já estão inerentes a tratar esses eventos com muita naturalidade, sendo assim, as metáforas (quando percebidas) são tidas como adequadas a tais situações que passam imperceptíveis diante desses momentos, no entanto continuam gerando essas atitudes providas das concepções mentais.

3.4 Aprender a reaprender: a metáfora e a linguagem cooperativa

As análises feitas a partir das metáforas nas construções textuais dos portais de notícia, mostram o quanto a sociedade está suscetível a uma manipulação conjunta. Tendo em vista a escola como formadora de sujeitos críticos e pensantes, é importante que ela esteja preparada para repassar as diversas variantes das metáforas, que não necessariamente precisam ser analisadas apenas nos textos literários, mas também fora deles para que o estudante tenha uma visão mais ampliada do mundo que o cerca.

O estudo da metáfora nesse contexto deve ser levado em consideração não apenas com gênero literário ou textual que está sendo estudado na sala de aula, mas também a forma como o assunto é abordado. Sendo assim, a objetividade não precisa ser deixada de lado, por isso faz-se necessário acrescentar uma visão mais subjetiva aos conceitos metafóricos, pois a partir de Lakoff e Johnson (2002, p. 207) “[...] as metáforas permitem-nos entender um domínio da experiência em termos de outro. Isso sugere que a compreensão acontece em termos de domínios inteiros de experiência e não em termos de conceitos isolados”. A escola então torna-se a principal responsável por tornar essa ampliação de visão da metáfora possível, pois é um dos únicos lugares em que o assunto é tratado com finalidades teóricas com mais frequência.

Dessa forma, ao pensar em novos métodos de trabalhar a metáfora na sala de aula, é importante recorrer ao documento que norteia a educação no Brasil atualmente: a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 145), a qual traz como necessário o desenvolvimento da habilidade para os alunos do 6º ao 9º anos:

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, [...] o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).

É Possível observar que nem sempre essas habilidades são desenvolvidas, pois o trabalho com os gêneros textuais midiáticos nas escolas têm na maioria das vezes como finalidade as análises dos seus aspectos estruturais, em alguns contextos são apresentadas as construções dos efeitos de sentido, mas mesmo assim são construídas com base nas estratégias da construção estrutural do próprio gênero e não em um ensino voltado para o pensamento.

Apartar-se das análises estruturais como primordial para o ensino da Língua Portuguesa é difícil, mas uma tarefa necessária, visto que os gêneros textuais devem ter seu estudo voltado para o sentido e construções linguísticas como afirma Bakhtin (1997) *apud* Marcuschi (2002, p. 6):

dizia que os gêneros eram tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São muito

mais famílias de textos com uma série de semelhanças. Eles são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas.

Tendo em vista as considerações de Bakhtin e a importância dos atuais gêneros textuais midiáticos, os portais de notícia são uma boa escolha para a análise das metáforas conceituais, visto que estão diretamente ligados a sociedade de uma forma intrínseca, visto que a linguagem pode ser um método trabalhado junto com a cognição.

Pressupõe-se que o trabalho com o gênero midiático a partir dos portais de notícia já desperta o interesse dos alunos, pois faz parte da tecnologia que os envolve. A maneira de abordagem desse gênero deve ser feita com muita atenção as construções textuais, para que não haja uma ideia equivocada do que o docente está querendo mediar.

Segundo (SABUCEDO; ALZATE; HUR, 2020) a maioria das metáforas expostas pela mídia, não contribuem para uma linguagem que coopere com a harmonia social e que diante dessa situação é necessário usar termos que facilitem essa cooperação. Tome-se então por linguagem cooperativa, uma linguagem humanizada, que não influencie a níveis exorbitantes a conceptualização que os indivíduos têm sobre tal objeto, mas que coopere para uma boa vivência em sociedade. Com base nessa visão, é essencial propor trabalhos, por exemplo, de repensar outras metáforas ou termos que substituam enunciados metafóricos desnecessários ao momento nos portais de notícia, atividades que induzam os alunos a raciocinarem outras formas de mudar esse contexto são boas opções para amenizar os efeitos dessas construções. As atividades podem ser elaboradas pensando a partir de algumas perguntas básicas, como por exemplo:

- Que outro termo você usaria para substituir a metáfora bélica “guerra” nos portais de notícia?
- A metáfora escolhida alterou o sentido do enunciado?
- O apontamento da metáfora garantiu que a linguagem está adaptada a contribuição com um bem maior para o próximo, uma cooperação no cuidado de uns com os outros?

O professor pode empregar essa metodologia citada acima não apenas em atividades escritas ou análises orais, mas também na construção de projetos, como por exemplo um jornal cooperativo escolar, que pode ser materializado através de

um próprio *site* de notícia da escola, trazendo uma nova visão de matérias que estejam mais relacionadas a construir um bem para o próximo do que despertar sentimentos de angústia, desespero, armamento etc. Sendo assim seria um portal de notícia que humanizaria notícias equivocadas expostas pela mídia, fazendo uma reconstrução humanitária a partir delas.

Dessa forma, é possível contemplar um aprender a reaprender, que seria um novo modo de aprender metáfora a partir das construções textuais dos portais de notícia. No entanto, apesar dessa metodologia estar em volta do gênero midiático, não significa dizer que a metáfora não possua um leque de fatores que podem ser estudados também em outros contextos e gêneros que estão presentes no dia a dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com as metáforas na maioria das vezes está relacionado apenas aos estudos gramáticos, essa pesquisa, a partir das fundamentações abordadas auxilia no rompimento desses paradigmas tradicionalistas. Sendo assim, a partir da finalização desse estudo é possível perceber a importância de observar o comportamento das metáforas através de outros ângulos, visões que vão além do tradicionalmente estudado e refletem sobre o um assunto que apesar de ser considerado longe do contexto social, está mais atrelado do que esperado.

Essas contribuições se fazem necessárias para refletir sobre os processos das construções de metáforas em um dos principais meios de comunicação do mundo, os portais de notícia, sendo eles meios que estimulam a construção de visões sobre tudo que está relacionado à sociedade. É viável observar que em momentos de início históricos como os mostrados, a epidemia do HIV na década de 1980 e a pandemia do covid-19 no início de 2020, as metáforas marcam forte presença na influência do comportamento social.

Assim é possível notar também que acontece uma desmistificação em torno dessas temáticas abordadas, pois os enunciados que rodeiam a sociedade nem sempre trazem verdades absolutas. A partir do que foi analisado pode-se concluir que na maioria das vezes, as notícias trazem *fake news* disfarçadas de metáforas, pois como visto o HIV não é uma “peste-gay” assim como o contexto da pandemia do covid-19 não é uma guerra.

Um dos pontos mais importantes é que a pesquisa cumpre seu objetivo de discutir as metáforas nas mídias, mostrando algumas visões de metáforas bélicas que aparecem nos portais de notícia. Soma-se a isso a cooperação com a educação ao apresentar caminhos para o trabalho com o estudo das metáforas a partir de uma visão cognitivista, contribuindo para a construção de sujeitos mais críticos e analistas, visto que o conhecimento não deve ficar parado nas prateleiras da academia, mas sim ser mediado a sociedade para que construa-se um mundo melhor.

Sendo assim, espera-se que com as várias facetas dos conceitos de metáfora apresentados e analisados, essa pesquisa não fique apenas arquivada, mas tome outros rumos e inspire outros pesquisadores a esmiuçarem o tema, ou a colaborarem com novas visões e perspectivas que a partir dele podem surgir.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Caíque. Covid: apesar de Bolsonaro, discurso antivacina tem ampla derrota no país | Maquiavel. **Veja**, 25 out. 2021 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/covid-apesar-de-bolsonaro-discurso-antivacina-tem-ampla-derrota-no-pais/>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: seleção variada e atual. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Livro didático de português**: múltiplos olhares. Campina Grande: EDUFPG, 2020. cap. 2, p. 47-66.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL, A. Organização Munida da Saúde declara pandemia de coronavírus. **Agência Brasil**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 01 mar. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARLINI, A. Estamos em guerra contra o coronavírus - covid 19.Vamos atuar juntos!. **FenaSaúde**, 09 abr. 2020. Disponível em: <<https://fenasaude.org.br/publicacoes/estamos-em-guerra-contra-o-coronavirus-covid-19-vamos-atuar-juntos-angelica-carlini-advogada-e-docente-do-ensino-superior.html>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CARVALHO, Cleide; URIBE, Gustavo. Vírus HIV infecta mais grupo dos heterossexuais, diz estudo. **O globo**, 5 mar. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/virus-hiv-infecta-mais-grupo-dos-heterossexuais-diz-estudo-11785561>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Interdisciplinaridade. **Alea**, Rio de Janeiro v. 10, n. 1, p. 29-53, jan./jun. 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAKOFF, George; MARK, Johnson. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. – (Coleção As Faces da Linguística Aplicada)

LOPES, João Paulo Rocha. O papel da mídia nas construções negativas a respeito do HIV/Aids. **Revista Brado**, 14 dez. 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/como-citar-uma-revista-nas-normas-abnt-imprensa-ou-digital/>>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. **Revista de Estudo da Língua**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 71-79, jan./jun. 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidades. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 19-36.

MEDEIROS, Renata de. Venda de produtos de limpeza, higiene e alimentos aumenta em supermercados. **GZH**, 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/venda-de-produtos-de-limpeza-higiene-e-alimentos-aumenta-em-supermercados-ck7ux378e051t01pqddtayjxw.html>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

NOTÍCIAS, r7. “Estamos em guerra” contra a covid-19, diz secretário geral da ONU. **r7 notícias**, 24 maio 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/estamos-em-guerra-contra-a-covid-19-diz-secretario-geral-da-onu-24052021>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

OLIVEIRA, Viviane. Covid-19: Guerra ininterrupta contra inimigo invisível completa 1 ano. **gov.br**, 20 mar. 2021 Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/covid-19-guerra-ininterrupta-contra-inimigo-invisivel-completa-1-ano>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

QUEIROZ, Janaina Aires da Silva; SILVA, Marcelo Medeiros da. Figuras de Linguagem: uma proposta didática para o Ensino Médio. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 174-193, jul./dez. 2018.

REDAÇÃO, Da. Bolsonaro insinua que coronavírus faz parte de “guerra biológica” chinesa. **Veja**, 5 maio 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/bolsonaro-insinua-que-coronavirus-faz-parte-de-guerra-biologica-chinesa/>>. Acesso em: 07 fev. 2022

SABUCEDO, José-Manuel; ALZATE, Mônica; HUR, Domenico. COVID-19 y la metáfora de la guerra. Tradução de Mary Black. **Revista de Psicología Social**, Santiago, v. 35, n. 3, p. 621-623, 2020.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 1, p. 31-50, 1997.